

Seção Temática

Conflitos Agrários e o Romance

Introdução: a pujança do Romance Agrário e a imaginação sociológica

Introduction: the strength of the Agrarian Novel and sociological imagination

 José Vicente Tavares-dos-Santos¹  César Barreira²

 https://doi.org/10.36920/esa33-2_06

Resumo: A seção temática “Conflitos Agrários e o Romance” traz estudos que aprofundam a relação entre a sociologia dos conflitos agrários e a literatura, indicando os potenciais teóricos e heurísticos das análises de romances que tematizam conflitos agrários na sociedade contemporânea, seus personagens e os embates sociais e políticos. Desse modo, foram analisados distintos romances, clássicos e contemporâneos, nacionais e internacionais que atestam a complementariedade entre sociologia e literatura.

Palavras-chave: Sociologia da Literatura. Romance. Conflitos Agrários.

¹ Professor Titular dos Programas de Pós-Graduação em Segurança Cidadã e do PPG Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisador do CNPq. E-mail: josevtavares@gmail.com; CV LATTES <http://lattes.cnpq.br/5237998905026010>

² Professor Titular de Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), fundador e coordenador emérito do Laboratório de Estudos da Violência da UFC e cientista-chefe da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: cbarreira08@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2382723098584720>

Abstract: The thematic section “Agrarian Conflicts and the Novel” gathers studies that delve into the relationship between the sociology of agrarian conflicts and literature, indicating the theoretical and heuristic potential of analyzing novels that address agrarian conflicts in contemporary society and their characters and the social and political struggles. Thus, various classic and contemporary, national and international novels were analyzed to show the complementarity between sociology and literature.

Keywords: Sociology of Literature. Novel. Agrarian Conflicts.

Introdução

Esta seção temática – “Conflitos Agrários e o Romance” – tem como objetivo trazer estudos acerca da relação entre a sociologia dos conflitos agrários e a literatura, retomando uma tradição da revista *Estudos Sociedade e Agricultura*. O objetivo desta proposta é possibilitar análises de romances que tematizem conflitos agrários na sociedade contemporânea, seus personagens e os embates sociais e políticos, reafirmando a complementariedade entre sociologia e literatura.

A relação íntima entre literatura e sociedade, forma e história, texto e contexto social demonstra que os fatos históricos, as condições sociais e os elementos políticos relacionam-se intrinsecamente com a construção da obra literária, constituindo-se como fatores indiscutíveis à compreensão da literatura. Antonio Candido, inicialmente, analisou tais dimensões ao reconstruir sociologicamente a “cultura rústica” e sua decomposição nos *Parceiros do Rio Bonito* (Candido, 1971). Forma e estrutura literária passam, assim, a ser conceitos chaves na compreensão do romance.

Lembra Júlio Pimentel Pinto (2024, p. 30) que a literatura, “graças à sua liberdade criativa e ao amplo aparato de recursos estéticos e de linguagem, pode perceber com agilidade o que outras narrativas demoram mais a notar”. Retraçando vários autores, sua conclusão sobre Milton Hatoum, escritor amazonense, nos dá elementos para compreender a historicidade da literatura:

Descreve errâncias e hesitações na vida de seus personagens e narradores e define sua continuidade, ao reconhecer o próprio movimento de leitura como errático e hesitante. Ao leitor cabe,

então, lembrar – e aprender – que o desassossego angustiador que os perfis artísticos construídos na obra provocam vem, em parte, de fora – de um mundo em convulsão, não necessariamente acomodado pela passagem do tempo e pelas reinvenções da memória – e, em parte, de dentro – da maneira como nossa posição de leitores nos permite desdobrar qualquer leitura da vida (Pinto, 2024, p. 130).

Chegamos à própria definição da sociologia da literatura, a qual envolve três dimensões: as condições sociais e pessoais de produção das obras; a sociologia das obras literárias; a sociologia da recepção da produção, envolvendo mediadores e os leitores. Escreve Gisèle Sapiro (2019, p. 11):

A sociologia da literatura se dedica a estudar o fazer literário como fazer social. Isso implica uma dupla interrogação: sobre a literatura como fenômeno social, do qual participam várias instituições e indivíduos que produzem, consomem e julgam as obras; sobre a inscrição das representações de uma época e das questões sociais nos textos literários.

Tal conjunto de elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece como um sistema simbólico, um conjunto de obras por meio do qual as dimensões mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de relações entre homens e mulheres, e de interpretação das diferentes esferas da realidade.

Em outras palavras, a abordagem crítica entre literatura e sociedade deve levar em consideração as dimensões do social (contexto) e da estética (texto) da obra literária e suas influências recíprocas. Implicando autores e leitores. Seja a literatura como objetos autônomos como estrutura e significado, seja a literatura como forma de expressão, ou, ainda, a literatura como forma de conhecimento dos indivíduos e do mundo. Este o cerne da análise de Georg Lukács e Lucien Goldmann (Lukács, [1920]2000, 2011; Goldmann, [1964]1990; Frederico, 2005).

A narrativa romanesca expressaria, de modo privilegiado, os fenômenos de transculturação, característica da modernidade, desde Luís de Camões, em *Os lusíadas*, e Miguel de Cervantes em *Don Quijote de La Mancha* (Ianni, 2000, p. 102-104). Octavio Ianni retomaria várias dimensões do labirinto do pensamento social brasileiro e latino-americano, sempre vinculando-o

às expressões literárias, desde o século XIX até nossos tempos (Ianni, 1993, 2004). Escreve Ianni (2000, p. 119):

O romance está sempre desafiado pelas possibilidades e impossibilidades de esclarecimento, entendimento ou conhecimento de dimensões imponderáveis ou fugazes da vida social, real e imaginária. Simultaneamente, no entanto, a ficção leva sempre algo de inquietação, interrogação e estranhamento, tanto quanto de sublimação e exorcismo.

Botelho e Hoelz (2016, p. 280), contrapondo-se à ideia de reflexo, introduzem a noção contemporânea de reflexividade para a compreensão da relação entre romance e sociedade:

Considerar literatura e sociedade como mutuamente referidas ao mesmo tempo exige e permite passar do paradigma do “reflexo” ao da “reflexividade”. Implica a discussão não somente de novas formas de compreensão sociológica do literário (isto é, do artístico), como vem sendo feito, mas também da própria vida social como compreendendo tanto estruturas e recursos materiais quanto imateriais. E de como estes últimos, em interação contingente com os primeiros, podem ou não influenciar a ordem social da qual fazem parte e também são elementos relevantes para as possibilidades de ação coletiva e mudança social.

Há uma larga tradição sobre a história da literatura no Brasil, desde Antonio Candido ([1957]2006, 2007, [1965]2010), Alfredo Bosi (1999), Roberto Schwartz (1977, 2000, 2019), até o recente livro de Luciana Stegagno Picchio (2024), obras que nos fornecem uma contextualização histórica, inclusive do romance agrário. Estamos diante de figurações da sociologia crítica cosmopolita (Tavares-dos-Santos, 2024).

Certamente, um marco foi a obra de Euclides da Cunha ([1902]2019; Galvão, 1974), *Os sertões* (1902), expressando as conflitualidades e o messianismo no Nordeste brasileiro. Em linguagem sertaneja e cosmopolita, João Guimarães Rosa traria novamente o conflito social, e o amor, do mundo agrário, um inventor em sua ferocidade:

O romance de Rosa manuseia dicionários reais e estapafúrdios, pessoais e imaginários e, em sintaxe travessa e com pontuação anárquica, esparrama perdulariamente palavras, tocos de

palavras e interjeições onomatopaicas pela página em branco (Santiago, 2017, p. 22).

Daí sua modernidade selvagem:

A qualidade e a beleza selvagem – *the wilderness* – do Grande sertão: veredas é alheia e é autêntica, é originária e é universal, é literária e é filosófica, e domina [...]. Em Grande Sertão: veredas, a qualidade selvagem dessas regiões coloniais se materializa na complexa e intrincada beleza monstruosa de sua obra artística *sui generis*... (Santiago, 2017, p. 29).

Enfim, em João Guimarães Rosa, por um ato simultaneamente estético e social, a forma produz a indeterminação do real (Hansen, 2007).

Há uma longa tradição entre o mundo agrário e a literatura

O campo e a cidade, de Raymond Williams ([1973]1990), é uma análise clássica das respostas que a literatura e o pensamento social deram, através dos tempos, a esses dois tipos de comunidade humana. Argumenta que a oposição entre campo (inocência, natureza) e cidade (vício, sofisticação) é um reflexo da experiência do desenvolvimento do capitalismo agrário e industrial inglês, em vez de um confronto simples entre o natural e o artificial. Em torno dessas experiências históricas, cristalizaram-se atitudes e valorações muito variadas.

Na obra de Érico Veríssimo (1905-1975), a saga *O tempo e o vento – O continente* (1949), *O retrato* (1951), *O arquipélago* (1951) – apresenta a passagem do espaço mítico à historicidade agrária do Rio Grande do Sul (Bordini, 1995). Seus personagens Ana Terra, Bibiana, Rodrigo Cambará, Luzia, e outros são protagonistas deste romance histórico:

Trata-se de acompanhar a trajetória do homem depois da ruptura do universo mítico, indagando, portanto, o sentido da sua ação e de seu destino no mundo histórico, isto é, social. Tempo e sociedade são, ainda aqui, as categorias essenciais do romance (Chaves, 2001, p. 92).

A relação entre os estudos agrários e o romance aparece de modo expressivo em análises presentes em vários números de *Estudos Sociedade e Agricultura*. Por um lado, o dossiê Literatura e Mundo Rural, de 2020, apresentado por Raimundo Santos e José Antonio Segatto (2020, p. 502):

O seu objetivo também era estimular o debate sobre a problemática da relação entre ciências sociais e literatura. No passado bem distante, quando as ciências sociais ainda não ofereciam estudos metódicos, a literatura, em sentido amplo da palavra, então se confundia com aquela que ficou conhecida como literatura social, identificável com determinados textos de ficção, alguns deles bem chamativos. [...] As ciências sociais se voltam aos fenômenos concretos, à interpretação de processos reais e a eventos de dimensões complexas. [...] A subjetividade do texto literário provém de elementos estilísticos, retóricos, dramaturgos e artísticos que se estendem à transcendência.

Salientavam, ainda:

A ficção, a poesia, o ensaio e, mais tarde, a fotografia e o filme serviram como fontes aptas a informar e a interpretar tanto a estrutura social quanto a mentalidade de populações marginalizadas, principalmente rurais, incluindo a visão que delas tinham os letrados enigmáticos citadinos (Santos; Segatto, 2020, p. 505).

Seguem textos de Cleyton Gerhardt (sobre Érico Veríssimo), Eli Napoleão de Lima (sobre Graciliano Ramos), Liduina Farias Almeida da Costa (sobre a literatura dos retirantes), Lígia Rodrigues Balista Soffredini (sobre Cornélio Pires), Renata Cristina Sant'Ana (sobre Maria Valéria Rezende). Um segundo conjunto são os textos de Raimundo Santos (2019) (sobre Gilberto Freire e José Lins do Rego) e os de Eli Napoleão de Lima (sobre Euclides da Cunha, Juan Rulfo, Graciliano Ramos).

Ressaltemos dois estudos seminais. O artigo da Professora Eli Napoleão de Lima³ e de Rodrigo Kummer⁴, intitulado “Ruralidade trágica em Juan Rulfo: apontamentos entre ficção e realidade” (Kummer; Lima, 2023): trata-se de uma análise da produção literária do escritor mexicano Juan Rulfo - Carlos Juan Nepomuceno Pérez Rulfo Vizcaíno (1917-1986). Buscou aprofundar os sentidos de seus enredos trágicos, ambientados e referenciados à desigualdade social e à ruralidade mexicana de meados do século XX.

³ Professora Associada IV do Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). *In memoriam*.

⁴ Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

O objeto de discussão se circunscreve às obras literárias *Chão em chamas* (1953) e *Pedro Páramo* (1955). Estes textos, notoriamente complexos e enigmáticos, se relacionam entre a realidade social mexicana do início do século XX e o imaginário social, permeado pelo misticismo e pelo fantástico. A literatura rulfiana, portanto, assumiu a tessitura de um discurso que oscila entre o real e o imaginário e que dá sentido às experiências históricas. Nesse viés, um dos elementos fundamentais da produção literária de Rulfo é a presença da tragédia, os elementos de uma ruralidade permeada pela escassez, pela exploração e pela pobreza. Sua obra representa, de modo original, uma contribuição ao pensamento decolonial, pois apresenta uma manifestação literária que advoga e dialoga com sua realidade de forma propositadamente pragmática. Sua tragicidade rural é, além de denúncia, um forçoso choque de realidade.

Por outro lado, merece ressalva o trabalho de Raimundo Santos⁵: “Diálogos do senhor da Casa-grande com o menino de engenho” reflete sobre Gilberto Freyre e José Lins do Rego, a partir da obra *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho* de Cauby Dantas. O intelectual pernambucano conhece a fama como autor da singular interpretação do Brasil exposta em *Casa grande e senzala* (1933) e dos muitos livros e textos que publica sobre variados aspectos da vida nacional. O romancista paraibano projeta-se na cena literária através de uma considerável lista de livros sobre o velho mundo rural nordestino, dentre os quais, *Menino de engenho* (1932) e *Fogo morto* (1943).

Em síntese, uma série de romancistas estiveram presentes nas análises de *Estudos de Sociedade e Agricultura*: Afonso Arinos (*Os jagunços*, 1898); Bernardo Elis (*O tronco*, 1956); Cornélio Pires (*Conversas ao pé do fogo*, 1921); Érico Veríssimo (*O tempo e o vento*, 1949-1982); Euclides da Cunha (*Os sertões*, 1902); Gilberto Freire (*Sobrados e mucambos*, 1936); José Lins do Rêgo (*Bangué*, 1934); Graciliano Ramos (*Vidas secas*, 1938); Guimarães Rosa (*Grande sertão: veredas*, 1956), Hugo de Carvalho Ramos (*Tropas e boiadas*, 1917); João Cabral de Melo Neto (*Morte e vida severina*, 1956), Jorge Amado (*Terras do sem-fim*,

⁵ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). *In memoriam*.

1943; *Tocaia grande*, 1984); José de Alencar (*O sertanejo*, 1875); Lima Barreto (*Triste fim de Policarpo Quaresma*, 1915); Maria Valéria Rezende (*Outros contos*, 2016); Mário Palmério (*Vila dos Confins*, 1956); Raquel de Queiroz (*Memorial de Maria Moura*, 1982); e o mexicano Juan Rulfo (*Pedro Páramo*, 1955).

Em outras publicações, podemos ainda encontrar José de Alencar, Euclides da Cunha, Apolinário Porto Alegre e Antonio Callado⁶. Assim como sobre Milton Hatoum e seu mundo amazônico (Pinto, 2024, p. 109-131). Ou recordar o mundo do cacau, em Jorge Amado, e o ciclo da cana-de-açúcar, em José Lins do Rego. E o mandonismo e a secura do Nordeste, em Graciliano Ramos.

As obras de José Lins do Rego (1933, 1934a, 1942b, 1936, 1943) expressam o ciclo da cana-de-açúcar em vários romances dos anos de 1930 a 1940.

[...] sintetizariam duas temporalidades: o passado referido na narrativa (relembrado saudosamente), da segunda metade do século XIX e início do XX; com o presente do romancista (entre os anos 1930 e 1940), produto daquele passado, cujas feições menos gloriosas e imediatas têm de ser justificadas (Silva, 2013).

Em outras palavras, a “defesa da tradição pela via oligárquica, defesa que não devemos ignorar, possui caráter dinâmico, isto é, ao recuperar o passado da região, os regionalistas buscam conferir inteligibilidade ao presente, atualizando, portanto, esse mesmo passado” (Chaguri, 2009, p. 56-57).

Escrevendo sobre o romance *Banguê*, Maria Thereza Venuzo (1972, p. 130), analisa a

permanência de elementos do passado: as formas predominantes do trabalho, semelhantes às da época da escravidão; a produção de açúcar que utiliza a mesma técnica dos séculos anteriores. Por sua vez, a persistência implica formas mais simplificadas, que permitem a continuidade do regime de autonomia do engenho.

Os livros de José Lins do Rego trouxeram um espaço e uma saudade:

⁶ Ver no dossiê “Literatura, Sociedade e Violência: um estudo em sociologia da conflitualidade”, organizado por José Vicente Tavares-dos-Santos e Níli Viscardi (2023): Renato Ortiz (José de Alencar); Luiz Antônio Bogo Chies (José de Alencar e Apolinário Porto Alegre), Edson Benedito Rondon Filho (2021) (Antonio Callado). No “Dossiê Pierre Bourdieu e a literatura”, in *Estudos de Sociologia*, Araraquara, ver Walnice Nogueira Galvão (2009) (Euclides da Cunha).

A narrativa romanesca de José Lins foi pensada como uma prática construtora de espaços. [...] Ao invés disso, operamos com a ideia segundo a qual o engenho foi fabricado discursivamente (Freire, 2014, p. 297).

Tanto na visão grandiosa do engenho quanto na perspectiva decadentista desta espacialidade, pudemos detectar o peso de uma consciência e sensibilidade saudosa (Freire, 2014, p. 300).

Em várias obras de Jorge Amado (1912-2001) – *Cacau* (1933), *Jubiabá* (1935), *Terras do sem-fim* (1942), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Seara vermelha* (1946), *Tocaia grande* (1984) – há diversos processos sociais agrários, de dominação, exploração, mas atentando às formas de rebelião (Almeida, 1979; Duarte, 1996; Goldstein, 2003; Swarnakar; Figueiredo, 2014).

Em *Cacau* (1933), os personagens são os trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia, e o personagem O Sergipano, Jose Cordeiro, vive as mazelas do latifúndio. Em *Jubiabá* (1935), lemos os folhetos de cordel, os casos da tradição oral, os heróis sertanejos, a vida nas plantações de tabaco no interior baiano, o racismo, a violência banalizada; um romance de formação⁷.

Já em *Terras do sem-fim* (1942) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944), deslumbramos a cultura do cacau no sul da Bahia: a terra adubada com sangue, o mandonismo local, os coronéis, e a rebelião dos trabalhadores. Em *São Jorge dos Ilhéus*, aparece a figura do comerciante do cacau. Em *Seara vermelha* (1946), ressurge o cangaço como banditismo social e o messianismo.

Em *Tocaia grande* (1984), a sede do poder do coronelismo a transforma em local de conflitos sérios. Um dos últimos livros de Jorge Amado, de 1988, *Tocaia grande* ressalta o poder do dinheiro e da violência no mando político do interior da Bahia, que pode ser estendido a todo o país – a violência do opressor se transforma na violência do oprimido. Emerge o povo como herói problemático. Estamos diante de fenômenos da pistolagem e do crime por encomenda, no Brasil agrário (Barreira, 1998, 2008).

A obra de Graciliano Ramos mais diretamente expressando o mundo agrário pode ser identificada nos seguintes romances: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934) e *Vidas Secas* (1938). *Caetés* (1933) se passa no sertão

⁷ Sobre a Literatura de cordel, cf. Barreira (2025).

nordestino, a história gira em torno de Paulo Honório, um homem simples e ambicioso que, por meio de seu esforço e determinação, ascende socialmente, marcado por uma ambição desmedida, que o leva a se envolver em negócios questionáveis, explorar a mão de obra e desconsiderar as relações humanas. O protagonista é um anti-herói, alguém cujas ações e valores nem sempre são moralmente aceitáveis, refletindo a dureza da vida na região e a secura das relações humanas.

Em *São Bernardo* (1934), o personagem Paulo Honório, menino órfão, trabalhava como guia de cego e vendia cocadas durante a infância para conseguir algum dinheiro. Mais tarde, passa a trabalhar na roça. Adulto, depois de enfrentar uma série de percalços, torna-se um homem frio, escravo de uma ambição desmedida, que vai balizar toda sua vida adulta. Aos 18 anos, acabou preso após cometer um crime de honra. Ao ser solto, o principal foco de sua vida passa a ser amealhar bens e dinheiro: toma um empréstimo de um agiota e começa a negociar gado, redes, rosários e diversas miudezas pelo sertão. Após conseguir juntar algumas economias, retorna a sua terra natal, Viçosa, decidido a comprar a fazenda São Bernardo, onde havia trabalhado na juventude. Já mais velho, amargurado pela vida que levou, o narrador revisita dramas de seu passado e conflitos internos que permanecem inexplicáveis até o momento em que suas memórias estão sendo escritas.

Em *Vidas Secas* (1938), Graciliano Ramos coloca o leitor no árido sertão nordestino e na dura realidade de uma família de retirantes. Com uma prosa seca e crua, retrata a luta diária pela sobrevivência, a sede insaciável e a busca por um lugar ao sol. Os personagens Fabiano, Sinhá Vitória, os filhos e a cachorra Baleia: expõe a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca. O pai, Fabiano, caminha pela paisagem árida da caatinga do Nordeste brasileiro com a sua mulher, Sinhá Vitória, e os dois filhos, que não têm nome, acompanhados pela cachorrinha da família, Baleia, cujo nome é irônico, pois a falta de comida a fez muito magra. Denuncia fortemente as mazelas do povo brasileiro, principalmente a situação de miséria do sertão nordestino.

Uma interpretação de Graciliano Ramos foi feita por Lima (2021, p. 566):

Há quase unanimidade nas interpretações sobre a obra graciliana de presença de termos como ironia, representação crítica da realidade social, registro de ausência de instrução/educação, questões locais, morais, psicológicas, existências, miséria, violência, ignorância, política paternalista, safadezas, projeto estético, projeto ideológico, cangaço; configurações do retrato fiel do sertanejo para viver em tempos de seca, o silêncio retórico dos personagens ou o mal-estar da questão regional como em *Vidas Secas*; (..) a presença crítica da contradição selvagem/civilizado como em *Caetés*; a desumanização de Paulo Honório em *São Bernardo*.

Não podemos deixar de evocar sua estética, uma teoria da arte não desvinculada da teoria da vida, pois “para falar do ponto de vista do oprimido em nossa sociedade, era preciso que o escritor incorporasse a vivência dela à sua”; retirantes e densidade autobiográfica (Santiago, 2019, p. 390).

O amplo estudo de Fernando Cerisara Gil (Universidade Federal do Paraná) – *A matéria rural e a formação do romance brasileiro* (2020) e *Pelo prisma do rural* (2023) – examina o lugar da prosa ficcional rural na cena literária brasileira do século XIX e XX. Considerando o estudo da posição social do narrador, do protagonismo do homem livre pobre e da centralidade da ação violenta na estruturação das ações narrativas, o texto sinaliza e situa os impasses e as contradições da formação do romance brasileiro constituída a partir da matéria rural, discutindo com a crítica literária. A hipótese central é a “ideia segunda a qual o romance rural se constitui a partir de uma duplicidade contraditória como experiência cultural e literária, baseada na tensão entre os diferentes níveis do processo literário e a particularidade social da matéria rural” (Gil, 2020, p. 10).

Passa a reler romances rurais do século XIX: *O sertanejo* (1875), *Tronco do ipê* (1871), e *Til* (1872), de José de Alencar; *Inocência* (1872), de Visconde de Taunay; *O garimpeiro* (1876), de Bernardo Guimarães, e *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora (Gil, 2020).

Já o segundo livro – *Pelo prisma rural* (Gil, 2023) – busca repensar e desentranhar ângulos e problemas diferentes que envolvem uma das categorias centrais de compreensão da literatura brasileira: o regionalismo. O movimento proposto nos ensaios reunidos é duplo e complementar. De um lado, persegue

as configurações do conceito desde a sua emergência no pensamento literário, com suas estreitas ligações com a formação política e social do país, até os usos e dimensões variados em que se sobressai como umas das forças constitutivas de tensão e de conflito no campo literário. De outro, persegue as formas diversas de a ficção brasileira fazer falar o mundo rural, a partir da análise de romances do século XX: no limiar do século, *Os jagunços* (1897), de Afonso Arinos; *Bangué* (1934), de José Lins do Rego; *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos; *Sargento Getúlio* (1971), de João Ubaldo Ribeiro; *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector; *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior (cf. Gil, 2023, p. 120-250).

Muito há que refazer na crítica literária do romance agrário. Muito presentes nos romances agrários estão as relações de dominação, o patriarcalismo, a opressão, a violência, a pistolagem e o mandonismo local, o mundo dos pobres, e a combinação entre oralidade popular e a erudição complexa. Pelo exposto, há uma presença do romance agrário na literatura brasileira, a cuja atualidade sociológica vem este dossiê contribuir.

O dossiê “Conflitos Agrários e o Romance”

Os textos que compõem o dossiê referem-se a romances agrários que expressam várias regiões: o pampa sul-brasileiro, o espaço paulista do caipira, os camponeses em luta pela terra na África do Sul, a ruralidade trágica do México e o mundo agrário de Portugal.

O texto de Eduarda Ferreira, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, “As plantas daninhas na plantação-modelo: tramas entre ciências sociais e literatura nas disputas por terra e vida no Pampa sul-brasileiro”, analisa os conflitos agrários no Pampa sul-brasileiro, articulando pesquisa etnográfica e leitura do romance *As aventuras da China Iron*, de Gabriela Cabezón Cámara.

A plantation da soja é apresentada como projeto de controle total que molda territórios, corpos e subjetividades, almejando o apagamento de modos de vida diversos. A partir do caso de Capão do Cipó (RS), a pesquisa revela como o agronegócio opera racializações, normatividades de gênero, regimes de verdade, homogeneização de paisagens e afetos. Em contraste, o romance é

mobilizado como ferramenta crítica e especulativa, revelando alianças éticas com seres humanos e mais-que-humanos.

O texto propõe que os conflitos agrários contemporâneos são embates ontológicos entre mundos inconciliáveis, nos quais emergem brechas e insurgências cotidianas. Plantas daninhas, desejos dissidentes e práticas subversivas se tramam performando desobediências que tensionam a plantation e fabulam futuros possíveis.

Ao mesmo mundo refere-se o artigo de Luiz Antônio Bogo Chies, da Universidade Católica de Pelotas. Instigado pela presença da palavra Tapera nos pioneiros trabalhos que, no século XIX, sistematizam um vocabulário típico do Rio Grande do Sul, esse estudo também considerando as peculiaridades dos processos de apropriação de terras e sedentarização de populações no contexto da bacia do Rio da Prata – o Pampa –, focalizou e perquiriu, através de fontes literárias com mais de 100 anos de publicação, os sentidos que a Tapera permite evidenciar em termos de figurações da sociedade, seja da época, seja para estudos contemporâneos.

Os textos analisados permitiram que fosse identificada como acionadora de quatro centros de sentido que se vinculam com conflitos e violências. Também um estudo exploratório das pesquisas contemporâneas reforça a convicção de que a Tapera opera como um ícone crítico da memória e da violência, em especial para o estudo, análise e compreensão de processos e Políticas que se relacionam com o acesso, a apropriação e o usufruto de terras/territórios.

O terceiro artigo é de Bruna Távora, da Universidade de Münster, “Contra o Jeca Tatu, a afirmação camponesa: tensões estéticas e discursivas”. A partir de observações de atividades realizadas junto ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), o artigo reflete sobre o uso crítico da imagem do Jeca Tatu, recuperada e tensionada em espaços de formação e mobilização. Nesses contextos, a negação da figura do Jeca carrega uma afirmação política, cultural e tecnológica do campesinato como sujeito coletivo, produtivo e criador de conhecimento.

A partir das reflexões de Bakhtin, argumenta que a forma literária expressa juízos de valor que orientam práticas sociais. A análise evidencia como a imagem do Jeca Tatu, originalmente construída como forma estética que

objetifica o campesinato brasileiro como “atrasado” e “improdutivo”, serviu para apoiar ideologicamente a modernização conservadora e a exclusão dos saberes tradicionais. Articula-se o discurso original de Monteiro Lobato com entrevistas recentes, demonstrando como a disputa simbólica em torno dessa figura permanece atual.

Já a contribuição de Antonádia Borges, do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ), intitulada “A perenidade do gênero *plaasroman* e as promessa não cumprida de uma reforma da terra na África do Sul”, analisa o livro *A promessa* (Record, 2022), de Damon Galgut (Pretória, 1963), o qual ganhou o prestigiado Booker Prize em 2021. “*Plaasroman*” seria o romance de fazenda, em *Africâner*, gênero que surgiu na década de 1920.

O livro foi analisado por críticos literários de diferentes ângulos. Nesse artigo, o romance é abordado em relação ao trabalho etnográfico da autora na África do Sul, junto a moradores de fazenda em luta por uma reforma da terra.

O quinto artigo, de autoria de José Leite de Oliveira Junior, da Universidade Federal do Ceará, denomina-se “Contrapontos semiótico-discursivos entre *Gaibéus*, de Alves Redol, e *Levantado do chão*, de José Saramago”. Propõe uma análise comparativa entre dois romances portugueses: *Gaibéus* (1940), da autoria de António Alves Redol, e *Levantado do chão* (1980), de José Saramago. Reconhecendo que há um vínculo estilístico entre essas obras, a investigação procura identificar pontos de convergência ou de divergência entre elas. A análise comparativa permite inferir que as obras divergem em relação à temporalização (abrangência do tempo histórico), espacialização (Ribatejo e Alentejo) e atores sociais (coletivo de trabalhadores rurais e grupo familiar). No entanto, são semelhantes algumas estratégias discursivas, como o narrador onisciente e a figuratividade relativa à espoliação do trabalhador rural português. O estudo conclui que, no nível fundamental do percurso gerativo do sentido, em *Gaibéus* a categorização é dada pela dicotomia trabalho vs. capital, e em *Levantado do chão*, pela dicotomia posse vs. propriedade.

Pensamos que este dossiê se insere na sociologia crítica cosmopolita, pois traz uma série de reflexões sobre obras literárias e contextos sociológicos, a

partir das conflitualidades das sociedades do Sul Mundial (Nélida Ruiz, 2024; Tavares-dos-Santos, 2019, 2020, 2022).

Sugerimos ao leitor este conjunto de textos, no campo dos Estudos Agrários e dos Conflitos Sociais, cuja vigorosa análise sociológica é expressa nesta Revista, mediante uma pluralidade de estratégias interpretativas: isto significa trazer a complementariedade da sociologia do romance, recuperando o entrelaçar de textos e contextos, aportando, quiçá, novos desafios à imaginação sociológica.

Referências

- ALMEIDA, Alfredo Wagner. *Jorge Amado: política e literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- BARREIRA, César. *Cotidiano despedaçado: cenas de uma violência difusa*. Campinas: Pontes, 2008.
- BARREIRA, César. *Crime por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- BARREIRA, César. Héroes populares en rimas de cordel: imágenes y representaciones. In: NÉLIDA RUIZ, Martha *et al.* (ed.). *Literatura y conflictividad* (sociología de novelas del Sur Mundial). Toluca: Universidad de Toluca; Porto Alegre: Tomo, 2025. p. 176-194.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. Sociologias da literatura: do reflexo à reflexividade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 263-287, 2016.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1957]2006.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1965]2010.
- CHAGURI, Mariana. *O romancista e o engenho: José Lins do Rego e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 1930*. São Paulo: Anpocs/Hucitec, 2009.

- CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: UBU, [1902]2019.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FREDERICO, Celso. A sociologia da literatura de Lucien Goldmann. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 429-446, 2005.
- FREIRE, Diego José Fernandes. *Contando o passado, tecendo a saudade: a construção simbólica do engenho açucareiro em José Lins do Rego (1919-1943)*. Natal: UFRN, 2014.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora*. São Paulo: Ática, 1974.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Um “livro vingador”. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 14, n. 27, p. 281-285, 2009.
- GIL, Fernando Cerisara. *A matéria rural e a formação do romance brasileiro: configurações do romance rural*. Curitiba: Appris, 2020.
- GIL, Fernando Cerisara. *Pelo prisma rural: ensaios de literatura brasileira*. Campinas: Unicamp, 2023.
- GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1964]1990.
- GOLDSTEIN, Hana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: Senac, 2003.
- HANSEN, João Adolfo. Grande Sertão: veredas e o ponto de vista avaliativo do autor. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 10:10, p. 57-75, 2007.
- IANNI, Octavio. *O labirinto latino-americano*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- IANNI, Octavio. *Pensamento social no Brasil*. Bauru: Edusc/Anpocs, 2004.
- IANNI, Otavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- KUMMER, Rodrigo; LIMA, Eli Napoleão de. Ruralidade trágica em Juan Rulfo: apontamentos entre ficção e realidade. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 31 jan. 2023.
- LIMA, Eli Napoleão de. Graciliano Ramos (1892-1953): breve abordagem sobre interpretações. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 28, n. 3, p. 550-570, 2021.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades, [1920]2000.
- LUKÁCS, Georg. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- NÉLIDA RUIZ, Martha et al. (ed.). *Literatura y conflictividad* (sociología de novelas del Sur Mundial). Toluca: Universidad de Toluca; Porto Alegre: Tomo, 2025.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Campinas: Sétimo Selo, 2024.
- PINTO, Júlio Pimentel. *Sobre literatura e história: como a ficção constrói a experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

- SAPIRO, Gisèle. *Sociologia da Literatura*. São Paulo: Moinhos, 2019.
- REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.
- REGO, José Lins do. *Banguê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934a.
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934b.
- REGO, José Lins do. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
- REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- RONDON FILHO, Edson Benedito. *Do radical em revolução às conflitualidades: o pensamento de Antônio Callado no romance Quarup*. Belo Horizonte: Dialética, 2021.
- SANTIAGO, Silviano. *35 Ensaio de Silviano Santiago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Raimundo. Diálogos do senhor da Casa-grande com o menino de engenho. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 445-449, jun. 2019.
- SANTOS, Raimundo; SEGATTO, José Antonio. Introdução à seção temática: Literatura e Mundo Rural. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 502-507, out. 2020.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- SCHWARTZ, Roberto. *Seja como for: entrevistas, retratos, documentos*. São Paulo: Ed. 34, 2019.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da Silva. Resenha: O romancista e o engenho: José Lins do Rego e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 1930. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 286-295, 2013.
- SWARNAKAR, Sudha; FIGUEIREDO, Ediliane L. L. (org.). *Nova leitura crítica de Jorge Amado*. Campina Grande: UEPB, 2014.
- TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. Violence in literature: The romance of violence in Latin America. *Sociologies in Dialogue*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 73-91, 2019.
- TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. *O romance da violência: sociologia das metamorfoses do romance policial*. Porto Alegre: Tomo, 2020.
- TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. *Figuraciones de la violencia: sociología de novelas latinoamericanas*. Buenos Aires: Teseo, 2022.
- TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente (ed.). *Sociología crítica cosmopolita: trayectorias, diálogos y figuraciones*. Buenos Aires: Clacso; Porto Alegre, Tomo, 2024.
- TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente; VISCARDI, Nilia. Literatura, sociedade e violência: apresentação (um estudo em sociologia da conflitualidade). *O Público e o Privado*, Fortaleza, v. 21, n. 44, p. 7-21, 2023.

- VENUZO, Maria Thereza. Classes rurais e nordeste uma visão de José Lins do Rêgo. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 125-131, 1972.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, [1973]1990.

Como citar

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente; BARREIRA, César. Introdução: a pujança do Romance Agrário e a imaginação sociológica. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, 2025, e2533206. DOI: https://doi.org/10.36920/esa33-2_06



Creative Commons License. This is an Open Access article, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License CC BY 4.0 which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium. You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made.